

A dominação masculina: o poder do desejo do Outro

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho*

Unitermos: dominação masculina; poder; desejo do Outro; Louise Bourgeois.

Resumo

Este trabalho discute os efeitos da dominação masculina e do poder do desejo do Outro, a partir de depoimentos da escultora franco-americana Louise Bourgeois. Para tanto, utiliza o referencial teórico da psicanálise, o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu e um livro de depoimentos da artista, que reúne uma série de entrevistas, desenhos e escritos produzidos por ela ao longo de sua vida. Inicialmente, faz uma breve apresentação da sua biografia, mostrando como a decepção de seu pai com o nascimento de uma filha mulher produziu nela um sentimento de risco de morte e busca de sobrevivência através da arte. Posteriormente, o trabalho problematiza uma de suas obras, intitulada "A Destruição do Pai", e seus efeitos considerados por ela como terapêuticos. Por fim, conclui que a trajetória da artista e a obra de arte aqui trabalhada podem expressar uma reação contra a violência simbólica, que a representação do desejo do Outro pode acarretar.

Há alguns anos, me debrucei sobre questões teóricas ligadas à identificação e à identidade, a partir da vida e da obra de uma artista franco-americana recém-falecida, chamada Louise Bourgeois. Agora, retorno a esta escultora sob outra perspectiva: o da dominação masculina e seus efeitos. Parto de um depoimento pessoal da artista para explorar esta questão. Em seu livro *Destruição do pai, reconstrução do pai*, a escultora Louise Josephine Bourgeois revelou que o seu nascimento foi um momento de rejeição e desafio, ao mesmo tempo (BOURGEOIS, 2000). Nascida em 24 de dezembro de 1911, em Paris, ela afirmou que este foi um momento frustrante para todos aqueles que tiveram que interromper a sua festa de Natal para se juntar a ela. Nas suas próprias palavras, "eles tinham ostras e champanhe, e lá vim eu..." (BOURGEOIS, 2000, p.246). Revelou, ainda, que esse foi um momento de descontentamento especialmente para seu pai, Louis Bourgeois. Quando sua mãe engravidou, pela primeira vez, ele desejava um filho homem, mas veio uma menina, que logo morreu. Eles tentaram ter um outro filho e novamente veio outra menina: Henriette. Depois dela veio Louise e, finalmente, seu irmão caçula. Na percepção de Louise,

a sua vinda ao mundo significou uma grande decepção e ela teceu os seguintes comentários sobre isto:

Ela amava meu pai. Por isso, como eu já disse, eles fugiram. Simplesmente foram embora. Então não se casaram. Viviam juntos, e é claro que tiveram um filho. Meu pai era bem machista, e infelizmente a criança era uma menina. Tenho certeza de que minha mãe ficou envergonhada, embora fosse uma feminista decidida. A vergonha não durou muito, já que a criança morreu. Eles tentaram ter outro filho, que era, pelo amor de Deus, outra menina! Foi Henriette. Depois tiveram outra pestinha, chamada Louise... Era eu! [...] Por isso fui um estorvo quando nasci. [...] Por isso vocês entendem que quando nasci fui uma grande decepção e minha mãe deve ter pensado: 'Como vou manter esse homem, dando-lhe três filhas em seqüência?' Ela possuía imaginação, e disse: 'Está vendo essa menina? [...] Não fique desapontado [...] Vamos dar seu nome a ela. Sabe que essa criança é sua imagem cuspidada e escarrada?' Não ficava claro se ele achava, mas meu pai dizia: 'Sim, ela é muito bonita. [...] Puxa, é verdade. Ela é muito bonita e parece muito comigo'. Percebe, minha mãe tentou me vender

*Professora Adjunto da UFBA, Psicanalista Membro do Colégio de Psicanálise da Bahia. E-mail: therezacoelho@gmail.com.

a ele. E conseguiu em certa medida. Mas meu pai continuou decepcionado por não ter um filho homem. [...]. Então foi assim que sobrevivi, você vê, mas ele me fazia sentir que eu deveria satisfazer seus sonhos de ter um descendente de sucesso. Eu tinha de conseguir ser perdoada por ser menina. Meu irmão veio depois, é claro (BOURGEOIS, 2000, p.163, 279).

Segundo Louise, foi assim que ela conseguiu sobreviver, mas sentia que deveria satisfazer os sonhos de seu pai de ter um descendente de sucesso. Como ela mesma disse: "Eu tinha de conseguir ser perdoada por ser menina" (BOURGEOIS, 2000, p.279). A pequena Louise cresceu, estudou Matemática na Sorbonne, Arte na Escola de Belas Artes e na Escola do Louvre, onde se tornou docente. Em 1938, conheceu, em sua loja de desenhos e pinturas modernas, Robert Goldwater, professor de História da Arte da Universidade de New York, com quem se casou e se mudou para os Estados Unidos, nesse mesmo ano (BOURGEOIS, 2000). Após várias tentativas de procriar, Louise adotou o seu primeiro filho (Michel), a quem se sucederam dois outros filhos naturais, nos anos 40, Jean-Louis e Alain, nesta ordem. Em New York, em 1945, Louise começou a expor publicamente o seu trabalho, até que se tornou uma artista de renome internacional, muito premiada e reconhecida, tanto pelo público quanto por críticos e historiadores de arte. A sua obra inclui desenhos, pinturas, gravuras, performances, instalações e esculturas. Em 31 de maio de 2010, faleceu vítima de um problema

cardíaco, aos 98 anos de idade.

Os efeitos de não se sentir desejada pelo pai foram duradouros na vida de Louise. A artista confessou que, devido a isso, ela não conseguia revidar qualquer argumento de seu pai. Associou também a escrita de seus diários a esse contexto. Seus fragmentos discursivos abaixo revelam tal situação:

Muito tempo atrás eu não conseguia revidar qualquer argumento de meu pai, porque [...] ele caçoava de mim, por ser apenas uma menina [...] ele tinha um senso de humor cruel e eu não conseguia revidar. Eu não conseguia me fazer entender, e não conseguia lhe responder. E a frustração, em vez de se transformar numa coisa masculina de fugir, a frustração era uma espécie de enrijecimento, assim [Cerrando o punho], e guardar o ressentimento dentro de mim, e 25 anos depois ainda não cheguei a um acordo com meu ressentimento, que ficou para sempre (BOURGEOIS, 2000, p.254).

Com frequência meus diários refletem minha obsessão por ser útil. Muito, muito antes - quero dizer muito tempo atrás -, quando chegava um bebê menina, não era considerado útil em certas circunstâncias. E eu perguntava silenciosamente: 'Você gosta de mim? Você me aprova, apesar de eu ser menina?'. Durante anos essas preocupações me incomodaram. Fazer um diário me ajudou a resolver algumas dessas questões, finalmente (BOURGEOIS, 2000, p.304-306).

Podemos pensar que não ser desejada pelo pai, em seu nascimento, e/ou até mesmo posterior-

mente, por ter nascido biologicamente do sexo feminino, configura uma espécie de violência intrafamiliar, simbólica. Esse tipo de violência parece ser determinado por múltiplos fatores psicossociais, que vêm sendo discutidos pela literatura de referência científica, tais como patriarcalismo, machismo, dominação masculina e horror à castração, dentre outros (FREUD, 1980; MENEGHEL ET AL., 2000; IZUMINO, 2005; BOURDIEU, 2009).

De acordo com o sociólogo Bourdieu (2006a, 2006b, 2009), por exemplo, as relações sociais contemporâneas são entremeadas pela dominação masculina e pela submissão feminina, decorrente de uma violência masculina, às vezes imperceptível. A violência dos homens sobre as mulheres pode se dar tanto de forma objetiva, física, quanto simbólica, subjetiva, consciente ou inconscientemente. A violência simbólica se exerce, sobretudo, através das palavras e pode contar, inclusive, com a cumplicidade inconsciente das mulheres. Ela se funda na fabricação contínua de crenças, que fazem com que o indivíduo se posicione no espaço social segundo critérios e padrões do discurso dominante.

Nesse contexto, a intolerância à mulher é tema que tem ocupado um lugar especial no pensamento psicanalítico, desde o seu advento (FUKS, 2007). Tal intolerância tem sido discutida como uma forma de não reconhecimento da alteridade, como expressão da vontade de assegurar a coesão do idêntico a si. Na perspectiva freudiana, o desprezo e a rejeição narcísica dos homens em relação às mulheres têm sua origem no

horror à castração, no receio do homem de ser enfraquecido pela mulher, contaminado por sua feminilidade e, então, mostrar-se ele próprio incapaz (FREUD, 1918/1980). Uma angústia provocada pela lembrança da falência do ideal de uma homogeneidade masculina ou virilidade sem perdas estaria na base desse processo (FUKS, 2007). O horror à castração envolve múltiplas dimensões que vão desde a anatomia do sexo até as dificuldades de relação com as frustrações, as perdas e a impossibilidade de completude em qualquer aspecto da vida. Sob esse prisma, o horror à castração diz respeito à angústia que algumas diferenças provocam. O narcisismo e a castração, assim como o princípio freudiano da não-diferença entre a psicologia social e a individual, na medida em que o individual é simultaneamente o social são, portanto, elementos-chave para a reflexão sobre o par de opostos tolerância/intolerância, tanto no plano individual quanto no coletivo (FREUD, 1921/1980). Nas sociedades androcêntricas, a intolerância à diferença do outro se expressa em relação às diferenças que, em si mesmas, portam as mulheres.

Podemos considerar que Louise conseguiu realizar o seu projeto de ser uma descendente de sucesso e atender a este anseio, supostamente paterno, sendo uma mulher. De certa forma, o sentimento de ter sido rejeitada inicialmente pelo pai devido a essa condição revela uma experiência de violência simbólica, sofrida e percebida por ela como impossibilidade de existência em um sexo feminino. Essa constelação imaginária e simbólica marcou-a profundamente desde cedo, produzindo

efeitos na construção e reinvenção de si, numa direção que lhe possibilitou uma sobrevivência subjetiva através da arte. Louise associou as suas obras às suas lembranças, dificuldades e traumas. Considerou, inclusive, que a arte lhe proporcionou efeitos terapêuticos. Parte do título de seu livro é o título de uma de suas obras: "A destruição do pai". A outra metade, a reconstrução, provavelmente diz respeito à referida dimensão terapêutica. Passemos a esta obra.

"A destruição do pai" é uma escultura feita em 1974 com gesso, látex, madeira e tecido (BOURGEOIS, 2000). Em 1979, Louise revelou o seguinte sobre essa obra:

Há uma mesa de jantar e pode-se ver que acontecem vários tipos de coisas. O pai está se pronunciando, dizendo à platéia cativa como ele é ótimo, todas as coisas maravilhosas que fez, todas as más pessoas que prendeu hoje. Mas isso acontece dia após dia. Uma espécie de ressentimento cresce nas crianças. Chega o dia em que elas se irritam. Há tragédia no ar. Ele já fez demais esse discurso. As crianças o agarram e o põem sobre a mesa. E ele se torna a comida. Elas o dividem, o desmembram e o comem. E assim ele é liquidado. Trata-se, como você vê, de um drama oral! A irritação era sua constante agressão verbal. Então ele foi liquidado: da mesma maneira que havia liquidado seus filhos. [...] É uma peça muito assassina, um impulso que surge quando alguém está sob grande tensão e se volta contra aqueles que mais ama (BOURGEOIS, 2000, p.115-116).

Em 1988, quatorze anos após ter criado "A destruição do pai", Louise fez uma outra declaração sobre este trabalho, que merece ser citada aqui:

A destruição do pai (1974) lida com o medo - do tipo comum, o medo verdadeiro e físico que ainda hoje sinto. O que me interessa é a conquista do medo, o esconder-se, a fuga dele, o enfrentamento, o exorcismo, a vergonha dele, e finalmente o medo de sentir medo. É esse o tema. Não sou uma especialista, mas sei o que é medo; sei o que o medo nos leva a fazer. [...] E os anos passam, e você não experimentou o amor [...] e desperdiçou seu tempo. E esse desperdício se expressa numa grande raiva, porque você sente que não viveu, que a vida passou por você. É disso que trata *The destruction of the father*. Bem, o objetivo de *The destruction of the father* era exorcizar o medo. E depois que foi exposto - aí está - sinto-me uma pessoa diferente. Não quero usar a palavra *thérapeutique*, mas um exorcismo é uma empreitada terapêutica. Então o motivo para fazer a peça foi a catarse. O que me assustava era que à mesa de jantar meu pai ficava se exibindo, se enaltecendo. E quanto mais se exibia, menores nos sentíamos. De repente havia uma tensão terrível e o agarramos - meu irmão, minha irmã, minha mãe -, nós quatro o agarramos, o deitamos na mesa e arrancamos suas pernas e seus braços - o desmembramos, entende? E tivemos tanto êxito em espancá-lo que o comemos. É uma fantasia, mas às vezes a fantasia é vivida. [...] Em *The destruction of the father* a lembrança era tão forte, e foi tanto trabalho, que me senti uma pessoa di-

ferente. Senti como se aquilo tivesse existido. Realmente me modificou (BOURGEOIS, 2000, p.157-158).

Verificamos que esta segunda apresentação da obra, quatorze anos depois, foi feita de forma diferente em relação à anterior. Louise se inseriu na escultura como um de seus personagens, revelou que o pai assassinado foi o seu e que os assassinos foram ela, seus irmãos e sua mãe. Louise relacionou essa escultura ao medo que sente e testemunhou os efeitos deste trabalho, revelando a dimensão terapêutica de uma atividade sublimatória, como a criação artística. Houve, nesse processo, uma modificação subjetiva, a partir do momento em que ela pode vivenciar, expor e falar sobre sua fantasia, seu mito individual, para o grande público.

Vimos o quanto, no caso de Louise, a suposta rejeição paterna, decorrente da sua condição feminina, ou seja, do desejo de que ela fosse do sexo biológico masculino, produziu efeitos duradouros em sua vida e em sua relação com o pai, materializados em sua escultura "A destruição do pai". Podemos conjecturar que o homicídio simbolicamente realizado através dessa obra de arte foi uma resposta ao femicídio simbólico vivenciado por essa artista a partir de seus primeiros momentos de vida.

É interessante observar o modo pelo qual a dominação masculina e o desejo do Outro se expressaram no suposto discurso da mãe de Louise, revelado pela artista em seu livro. A adoção da estratégia de ressaltar a semelhança física entre a filha e seu pai parece corroborar a perspectiva de

Bourdieu (2009) segundo a qual a intuição feminina seria uma forma de satisfação do desejo do dominador, que se impõe através da violência. Esse modo de sobrevivência legitima a visão androcêntrica do mundo, que se expressa nas percepções, pensamentos e ações do cotidiano. Essa visão naturalizada na ordem social integra o senso comum, que já incorporou as relações de poder e dominação, e se faz presente nas condutas sociais. A potência masculina, nesse contexto, se exerce, então, através de uma violência simbólica.

Verificamos que não só em "A destruição do pai" Louise se inseriu em seu trabalho. Muitas de suas esculturas a incluem e a refletem. Quando, em 1982, Robert Mapplethorpe a procurou para fotografá-la, ela compareceu no ateliê do fotógrafo com uma de suas esculturas, "Fillette" (1968), e se fez fotografar com esta escultura. Sobre isso, ela revelou:

Levei uma peça minha porque a peça é mais eu mesma que a pessoa [...] Eu vestia um casaco de macaco. Adoro pele de macaco [...] Adoro o casaco e adoro o objeto que levei... Contava com o que eu tinha levado. Ou seja, com o casaco e o falo. [...] Não é um falo. Isso é o que as pessoas dizem, mas é uma coisa completamente diferente... A peça se chama Fillette (1968). Fillette quer dizer une petite fille [uma garotinha]. Se você quiser interpretar livremente, pode dizer que levei uma pequena Louise... Me dava segurança. [...] Não me importa que você não goste de mim. Mas desejo que goste do meu trabalho. Eu sou meu trabalho. Não sou o que sou como pessoa (BOURGEOIS, 2000, p.202-

203). [...] Meu corpo é minha escultura (BOURGEOIS, 2000, p.228).

Podemos conjecturar que se fazer representar através de uma escultura fálica, como é o caso de "Fillette", foi um dos derivados do desejo do Outro exposto acima, dentre outras possibilidades de significação. Pelo depoimento de Louise, verificamos que a obra de arte pode ser uma expressão da violência simbólica que a representação de um desejo pode acarretar. Não podemos afirmar que o desejo de um filho do sexo masculino seja, em si mesmo, femicida, mas ele assim parece ter sido tomado por Louise, quando esta confessou que sentiu o medo da morte em seu primeiro mês de vida e que, em sua obra, "todas as figuras são uma determinação de sobreviver, no nível trágico que consigam alcançar" (BOURGEOIS, 2000, p. 127).

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Rio de Janeiro: Zouk, 2006.
- _____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BOURGEOIS, L. *Destruição do pai, reconstrução do pai*. São Paulo: Cosac Naify, 2000.
- FREUD, S. O tabu da virgindade. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FUKS, B.B. O pensamento freudiano sobre a intolerância. In: *Psicologia clínica*. Rio de Janeiro, vol.19, n.1. p.59 - 73, 2007.
- IZUMINO, W.P. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. **Revista E.I.A.L. Estudos Interdisciplinares de América Latina y el Caribe**, v. 16, n. 1, p. 147-164, 2005.
- MENEGHEL, S. et al. Cotidiano violento: oficinas de promoção em saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 193-203, 2000.

THE MALE DOMINATION: THE POWER OF THE DESIRE OF THE OTHER

Key-words: Male dominance, Power, Other's desire, Louise Bourgeois.

Abstract

This paper discusses the effects of male dominance and power of the Other's desire, from the testimonies of a Franco-American sculptor called Louise Bourgeois. We also use the psychoanalytical theory, the thinking of sociologist Pierre Bourdieu and a book of testimonies of the artist, which brings together a series of interviews, drawings and writings produced throughout her life. Initially, this paper makes a brief presentation of her biography, showing how the disappointment of her father with her birth as a woman produced a sense of risk of death and the search for survival through art. Subsequently, it discusses one of her works entitled 'The Destruction of the Father, and its effects, considered by her as therapeutic. Finally, it concludes that the trajectory of the artist and the artwork worked here can express a reaction against the symbolic violence that the representation of the Other's desire can bring.